

MATOSO E O MONÓCULO

Estélio, nato “Urtigão” do lado materno e “Matoso” por parte do pai, era gordo, bem disposto, afável, vestia-se com sobriedade, apenas o entristeciam as pernas, um pouco curtas e finas.

Um dia, já formado em Direito, ainda solteiro e com uma pequena banca de advocacia que lhe proporcionava rendimentos sofríveis, ao remexer as gavetas de uma antiga escrivaninha que pertencera ao bisavô, encontrou o monóculo que ele usava e compunha a fisionomia sarcástica de Eça de Queiroz.

Perguntou a si mesmo “por que não uso um monóculo?”, enquanto o entalava no olho direito, mirando-se no espelho. A lente, que era sem grau, caía, ainda não estava habituado; mas uma fita preta, presa à lapela do paletó, não deixava que a lente quebrasse. Saiu para a rua, com o monóculo.

Paravam pessoas nas calçadas, para contemplá-lo; os amigos e conhecidos admiravam-se: “Matoso, você está usando monóculo? Que extravagância é esta?” Não era extravagância, respondia, enxergava perfeitamente bem com o olho esquerdo, e mal com o olho direito. Daí, o monóculo

Tornou-se mais conhecido. Diziam: “O Matoso, do monóculo”.

Um sestro: retirava a lente do olho, limpava-a com o lenço de linho, e encravava-a de novo na órbita, fazendo uma careta.

Passou também a proferir frases irônicas. Estudava-as, cada manhã, escrevia-as num papel, decorava-as, para pontificá-las no momento oportuno. Também se especializou em trocadilhos.

As mulheres entraram a admirar o Doutor Matoso, um excêntrico, e rico, segundo supunham. Ele as cortejava, retirava o monóculo do olho, limpava-o, repunha-o, e dizia-lhes, encarando-as: “Você está linda, como sempre”.

Largamente divulgados os ditos do Matoso, as suas pilhérias, passado algum tempo foi convidado a inscrever-se para uma vaga na Academia de Letras. Candidatou-se e foi eleito, depois de escrever, às pressas, um opúsculo, publicá-lo e mandar distribuí-lo.

Um dos confrades da Academia quis saber dele: “Qual é a sua especialidade?” “A minha especialidade são os ditos e reditos”. “Pois faça uma coletânea deles, que a Academia publica”.

Fez a coletânea, que a Academia publicou, com o título: “Ditos e reditos de Urtigão Matoso, da Academia de Letras”. Entre os ditos, havia alguns deste teor: “A ostra é uma crosta, cuja pérola trago no alfinete da gravata”; “A tartaruga não enruga, mas o cágado é um azarado”.

O ministro do Itamaraty mandou convidá-lo para visitar a Casa de Rio Branco. Foi, e o ministro lhe disse: “Doutor Matoso, por que o senhor não faz concurso de ingresso aqui na Casa? Arranja-se, o senhor foi talhado para diplomata”.

Matoso ponderou que não desejava deixar o Brasil. “Também se arranja, e o senhor fica por aqui”.

Fez o concurso, foi aprovado, classificado, e tornou-se adido diplomático, na Casa Civil do governo.

Diante do espelho, Matoso ajeita o nó da gravata, e mira-se, sardônico, através do monóculo.

Ora bem, na vida nada é fácil, embora um monóculo sempre ajude.

Antonio Carlos Augusto Gama

Promotor de Justiça, aposentado